



Biblioteca Freudiana de Curitiba

Centro de Trabalho em Psicanálise

XIII JORNADA

DE CARTÉIS

E DE APRESENTAÇÃO DE
TRABALHOS DA BIBLIOTECA
FREUDIANA DE CURITIBA

CURITIBA
dezembro/2002

BIBLIOTECA FREUDIANA DE CURITIBA

Centro de Trabalho em Psicanálise

Comissão de Publicações Internas

Coordenação: **Mirela Stenzel**

Revisão: **Rosângela Urias de Azevedo e Jandira Kondera Mengarelli**

Apresentação: **Maria Angélica Carreras**

OS TEXTOS DESTA PUBLICAÇÃO SÃO DE RESPONSABILIDADE DOS AUTORES,
CEDIDOS À BFC PARA A PUBLICAÇÃO DO QUE FOI APRESENTADO EM JORNADA.

PRELIMINARMENTE

Esta publicação virtual se refere às Jornadas de Cartéis e de Apresentação de Trabalhos do ano de 2002. Por uma série de fatores houve atraso nesta publicação. Em razão do lapso de tempo, muitos autores de trabalhos que foram apresentados naquela ocasião não foram possíveis de serem contatados e, portanto, não estão contemplados nesta publicação. Os textos aqui apresentados são os que estavam nos arquivos da BFC e dos autores que ainda mantinham algum tipo de contato.

Em razão desta dificuldade, ficamos a disposição para que qualquer um que se sinta prejudicado, que tenha apresentado trabalho naquele momento e tenha interesse de ser incluído nesta publicação virtual, entre em contato com a Comissão de Publicação Interna da BFC, pelo e-mail b.freudiana@uol.com.br ou mirstenzel@hotmail.com.

Comissão de Publicação

APRESENTAÇÃO

Cartéis, um dos tantos inventos de Lacan, um dispositivo que favorece o trabalho com outros. Um grupo, motivado por uma transferência com o texto freudiano e lacaniano, que teria por objetivo eliminar certos fenômenos próprios das reuniões dos falantes.

Visam tanto delimitar o tema como estimular a singularidade de abordagens. Também estabelecem uma limitação de integrantes e de tempo, com o objetivo de minimizar os efeitos que emergem inevitavelmente num grupo: luta de prestígio, liderança, exaltação de saber, inibições, etc.; formando o conjunto que se denomina gozo obscuro.

O cartel permite a circulação de discursos, produzindo movimentos para que o recalque não se torne moeda corrente.

Criar a possibilidade de uma crítica interna e/ou externa, não superegoica, dando lugar a laços que revigoram a já célebre frase de Lacan: "instituir no funcionamento".

Outro aspecto interessante do cartel, sendo esta uma exigência, é que o produto seja próprio e não coletivo, convocando um efeito de autoria assinado pelo nome de cada um.

Os cartéis na BFC podem contar com a participação de Mais Um, se for a escolha dos integrantes, não sendo, portanto, obrigatório. A função do Mais Um não é de mestria, de prestígio, é de propiciar a saída do anonimato do cartelando, tão própria das instituições religiosas.

Refletir sobre a prática, expor as idéias evita o isolamento, caldo de cultivo de dogmatismos e preconceitos.

Maria Angélica Carreras

ÍNDICE

Apresentação de Trabalhos

M^a Teresinha M. Lopes Monteiro
CORPO OBJETO, CORPO DE DESEJO 05

Zeila C. Facci Torezan
O DESEJO DO LADO DE FORA 07

Valéria Codato Antonio Silva
GAROTA INTERROMPIDA 10

Cartel "O DESEJO"

Alicia Mendes Tuaf
UMA INTRODUÇÃO 15

Alicia Mendes Tuaf
C + AINDA
PULSÃO DE MORTE COMO SUPORTE DO DESEJO
SAUDADES DE UM ANALISTA E DE UM MESTRE 16

Fabiano de Mello Vieira
O SER PÓS-MODERNO
SUJEITO DESEJANTE OU SUJEITO DA DEMANDA? 19

Silvana Aparecida Chemin
O DESEJO PARA ALÉM DO LIMITE? 21

Valéria Schier Santos
QUANDO O DESEJO FALTA... 25

APRESENTAÇÃO DE TRABALHOS

CORPO OBJETO, CORPO DE DESEJO

M^a Teresinha M. Lopes Monteiro¹

Há uma canção que diz mais ou menos assim:

Dá-me a palavra certa, na hora certa e do jeito certo, e prá pessoa certa...
Palavra é como pedra, preciosa sim, quem sabe o valor, cuida bem do que diz...
Palavra é como brasa, queima até o fim.

Esses versos chamaram-me a atenção porque podemos dimensionar o valor das palavras sobre vários aspectos.

Enquanto analistas, na dialética da transferência, fazer uso de palavras que interpretem, que façam marcas, que capturem os significantes sob o qual o sujeito está aprisionado, possibilitando uma saída diferente do movimento repetitivo que em geral o sintoma imprime na vida do indivíduo.

Enquanto seres que somos de linguagem, constituídos por significantes que nos representam, palavras ditas carregam em si todo um peso. Somos nomeados com um nome que tem história, somos falados enquanto características, qualidades e também defeitos, constituindo um corpo imaginário, que se sustenta num corpo simbólico, corpo da fala.

Essa imagem é construída na sua quase totalidade pelos pais, que projetam no filho seu ideal narcísico. No amor pelo filho renasce essa forma narcísica de vínculo com o objeto que atribui à criança todo tipo de perfeição e encobre todos os defeitos.

Escreve Garcia Roza: “ a imagem corporal não é a única que dá forma ao eu. O eu é também constituído pelas enunciações, pelos juízos de valor, pelas declarações de preferência ou de rejeição.”

É esse encontro do organismo com a linguagem que produz o corpo erógeno, submetido a um investimento libidinal, às demandas do Outro. Um corpo que em seu gozar se apresenta alheio, corpo do Outro.

A teorização lacaniana possibilita uma leitura onde o fundamental não está posto na imagem, senão em como essa imagem identificatória se configura desde um determinado ponto de vista, que é o da palavra desejante

do Outro. Assim se vai conformando um processo de anudamento identificatório a uma imagem, a do corpo, dito desde o Ideal do eu. Há uma identificação a uma imagem marcada por uma cadeia significativa que o olha e o diz de determinada maneira. Por isso para Lacan o eu é uma estrutura narcísica e libidinal. O que faz que, assim como o desejo é o desejo do Outro, o corpo também é do Outro (Hes, 1996).

Apresento aqui o breve relato de um caso clínico, que pretende exemplificar o que é isso de ser um corpo objeto, colocado à mercê do Outro e significado por um insustentável peso das palavras.

CASO CLÍNICO :

Quando comecei a atender Marta, ela havia passado recentemente por uma mastectomia decorrente de um câncer. Mostrava-se bastante deprimida, parecendo não suportar a perda do seio e sem conseguir ver-se nessa nova condição. Evitava olhar-se no espelho, tocar-se no local da cirurgia – local da falta- do seio e nunca mais se despiu da cintura para cima diante do esposo. Trazia um sofrimento além da questão da doença, aliás, pouco falava da doença. Trazia queixas imensas sobre os transtornos na imagem corporal, sendo que pouco antes da cirurgia e do diagnóstico do câncer, havia feito um regime no qual perdeu vários quilos, e estava bastante feliz com sua imagem. Muito vaidosa, procurava esconder de todos quanto possível a cirurgia que havia feito. Tinha um lamento permanente de como as pessoas a tratavam, num movimento um tanto contraditório: se as pessoas (familiares e amigos) não comentavam nada sobre sua cirurgia e tratamentos, ofendia-se pelo que considerava um descaso; por outro lado se as pessoas a visitavam, questionavam sobre seu estado, interessavam-se por ela, desconfiava da autenticidade desse interesse e supunha que já a estavam “matando” antes da hora.

Com o passar do tempo foi-se evidenciando que tais sentimentos decorriam diretamente da relação que Marta tinha com sua mãe, ou seja, nada mais era do que um movimento repetitivo da falta de referências que tinha sobre o lugar que se ocupa no desejo do Outro, no decorrer de sua existência. Marta foi a filha caçula de uma família numerosa, e trouxe uma marca desde seu nascimento. Pelas condições que os pais viviam na época, o pai duvidou da paternidade dessa última filha, e tratou mãe e filha desde esse lugar, de marido traído. A mãe, uma nortista muito brava, que já tinha o hábito de espancar os filhos a troco de nada, destinou sobre Marta

¹ Psicóloga Clínica do Serviço de Psicologia do Hospital Universitário Regional Norte do Paraná. Londrina.

toda raiva por esta acusação e fez dela literalmente, seu “saco de pancadas”.

O lema dessa relação, enunciado pela mãe, que Marta sempre trouxe nas suas sessões era esse: “Você não pagou nem a geração, quanto mais a criação”.

Os outros filhos, na medida em que cresciam, não mais suportaram esse convívio; foram saindo de casa, rebelando-se contra a mãe, tomando outro caminho. Marta ficou, apanhando até por volta dos 18 anos, submetida, subjulgada a esse deixar-se bater; e quando a mãe, envelhecida, foi modificando esses maltratos, Marta permaneceu, cuidando dessa mãe. De todos os filhos, ela, a única assumiu o lugar de cuidadora, a despeito da crítica dos irmãos que a acusavam de se fazer de “boazinha” para a mãe.

Temos duas coisas aí: o significante “boazinha” e o lema que parece ter norteado o fantasma inaugural da vida de Marta - “Você não pagou nem a geração, quanto mais a criação.”

Haveria ter que pagar um preço, ofertando seu corpo enquanto objeto ao gozo do Outro, e perpetuando no corpo a paga por sua “geração”? A doença de Marta continuou avançando, tendo passado pela segunda mastectomia e sofre agora com metástases na coluna.

Como questiona num texto Jean-Louis Chassaing:

Usar de seu corpo, abusar dele, consumir-se consumindo-o, para retomar uma expressão de François Perrier em “Os corpos doentes do significante”, o esgotar-se amiúde mencionado como correlativo necessário, até mesmo obrigatório, da passificação dos pensamentos – mas, trata-se disso essencialmente?

Nos pacientes com enfermidades no corpo está claramente marcado um gozo posto no corporal. Ali se mostra como esse corpo é utilizado para dizer e gozar, ocupando um lugar privilegiado de “órgão mediador” para expressar-se. Tem a ver com o processo identificatório à imagem mediada pelos significantes do Outro, e com aquela grande questão: “O que o Outro quer de mim?”

Citando novamente Hes (1996):

O ponto onde se presentifica a carência de um gozo e de um saber, se tenta recuperá-lo através do “ser” ao menos algo para o Outro, ainda que ao preço de um sofrimento corporal. Também é importante ter em conta as diferentes propostas de gozo do Outro com as quais o sujeito se pode identificar, que podem ser entre outras, o alcoolismo, as drogas, (um câncer), etc. O recorte do texto fantasmático é singular, caso a caso, ali onde a letra faz borda à identificação há um lugar de gozo.

Os sentidos cristalizados dos significantes apreendem o sujeito, como numa fixação ao tempo da alienação, como objeto de desejo do Outro. Imobiliza-se como objeto no fantasma, como resposta ao inquietante e angustiante desejo do Outro. O que se instala aí não é o gozo fálico, mas sim o gozo masoquista.

No caso apresentado, Marta pode ter suposto que o que dela queria a mãe era o corpo para deixar-se bater e mais tarde para servi-la, para ser a filha “boazinha”. O núcleo de suposição em seu fantasma está nessa cena repetida entre ela e a mãe. Ali onde está identificado o lugar em que o Outro a olha e a diz como “filha boa”.

Com o decorrer do tratamento analítico, Marta vai percebendo o quanto passou a vida representando papéis, tornando-se além de boa filha, uma boa esposa, uma boa mãe, tão boa que hoje em dia precisa suportar a falta de respeito e de limites das filhas.

Quanto mais se ocupa de um corpo marcado pelos sinais de deterioração, mais coloca na palavra o que antes se sustentava no corpo. E essa dimensão do falar de si, essa emergência da subjetividade, vai produzindo seus efeitos. Fala e toma consciência, fala e se revolta, fala e reclama, fala e toma satisfação, e no dizer dela, deixou de ser boazinha com todo mundo. Parou para se escutar. Alguns diriam: tarde demais? Talvez, mas há dois anos atrás foi descoberta uma metástase pulmonar que espantosamente estacionou. Nem os médicos conseguem explicar como!

Se alguém é visto e colocado como objeto, o sujeito desvanece, desaparece, é a angústia. Se o sujeito se faz representar pela palavra, se reconhece castrado, funda-se enquanto desejante. Repetir a castração é talvez repetir o ato de fundação do desejo. É provável que ao vivenciar a castração no real do corpo, ao perder os seios, Marta emergiu enquanto sujeito, desejante.

O advento da palavra – nos caminhos da cura – tenta facilitar canais de simbolização de imagens, cenas e fantasias, alojadas e depositadas em cada zona de nosso próprio corpo; trabalho de reelaboração de problemáticas, conteúdos e significações emergentes dos movimentos de estruturação e desestruturação da imagem inconsciente do corpo. (Mangifesta, 1996).

E assim, palavras que constroem, palavras que destroem, palavras que resignificam, que aprisionam e que libertam.

A escuta analítica funda a possibilidade da emergência de um outro corpo: o corpo da pulsão, o corpo erógeno, o corpo em sua dimensão fantasmática.

O DESEJO DO LADO DE FORA

Zeila C. Facci Torezan¹

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARCIA ROZA, Luis Alfredo. *O Mal Radical em Freud*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Editor, 1990.

GARCIA ROZA, Luis Alfredo *Introdução à Metapsicologia Freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

HES, Margarita B. El cuerpo fantasmático. In: *Cuadernos Sigmund Freud. Escuela Freudiana de Buenos Aires*, 1996.

MANGIFESTA, Claudio. El órgano inasible del cuerpo sin órganos. In: *Cuadernos Sigmund Freud. Escuela Freudiana de Buenos Aires*, 1996.

Palavração – Revista de Psicanálise. Biblioteca Freudiana de Curitiba. Curitiba, 1998.

VEGH, Isidoro. El cuerpo de psicoanálisis. In: *Cuadernos Sigmund Freud. Escuela Freudiana de Buenos Aires*, 1996.

Gostaria de comentar que este trabalho foi escrito a partir de algumas modificações de um texto anterior que apresentei, enquanto integrante de uma mesa redonda denominada *Transferência e Instituição*, na Jornada do Setor de Psicologia do hospital onde trabalho, em setembro deste ano.

Uma amiga que estava neste evento, disse-me que alguém ao seu lado, no final da minha fala, virou-se para ela e comentou: “Puxa! Muito bom! Mas havia uma amargura no texto, não acha?”

Muito perspicaz essa moça, pois realmente este texto foi escrito num contexto de agruras e amarguras, de um ambiente de trabalho nada salutar e de muita solidão. Como estou muito feliz por estar aqui, numa apazível “outra praia”, e a indigestão é minha, realmente não gostaria, de maneira alguma, de suscitar em vocês um efeito do tipo “chá de boldo”, excelente para os males do fígado, mas intragável.

Porém, considero que o tema contenha lá seus próprios dissabores, ou uma certa aspereza, provenientes da exclusão da subjetividade que permeia os nossos dias de hoje, da “derrota do sujeito”, como nos diz Roudinesco. Derrota, complementa a autora, que caracteriza uma era da individualidade.

Parece que vivemos mergulhados num grande paradoxo: indivíduos, não mais sujeitos, clamamos no anonimato por alguma singularidade, perante o fracasso dos ideais da igualdade de direitos.

Pudemos ouvir Charles Melman, no seminário de abril deste ano aqui no Brasil, falar sobre este momento atual, marcado pela ausência, queda do Outro, falência do Nome do Pai, e conseqüentemente da Lei.

Privados da alteridade radical do Outro, somos arremessados nas relações de horizontalidade, pretensa igualdade entre as pessoas, permissividade para que as “leis” sejam criadas entre os pares, sempre legislando em causa própria, na busca desenfreada do acesso a todo o gozo. Pois atualmente, a máxima do que é bom para nós está inscrita na ordem do “todo o gozo é possível”.

¹ Psicóloga, membro do Setor de Psicologia do Hospital Universitário de Londrina.

Neste circuito dos bens, cada vez mais distantes do simbólico e ancorados no real, ainda que com a corda do imaginário, todo o gozo é possível. Bem, e não é com isso que nos deparamos hoje, tanto nas instituições formais, quanto nos laços sociais de forma geral?

Tomemos, como exemplo, os preceitos e metas da Qualidade Total, do 5S, e ainda os avanços tecnológicos, aqui com destaque para aqueles do campo biológico. Até mesmo a vida (a procriação assistida, a clonagem), ou aspectos concernentes a ela (como o sexo de uma pessoa) tornaram-se bens, passíveis de manipulação e controle.

Assim, o Prozac, ou o Ecstasy, acabam com toda a angústia; um homem se tornou dispensável para a gestação de uma criança; se você está “insatisfeito” com o seu sexo, por que não mutilá-lo e construir cirurgicamente um “canal vaginal”?

Ou ainda, o desenvolvimento e educação de uma criança, as funções maternas e paternas também são bens intercambiáveis e, portanto, possíveis de serem desenvolvidas por parcerias homossexuais. Em outros tempos, as pessoas “punham um zíper na boca” para emagrecer, hoje elas literalmente “clipam” o estômago. Assunção do real, queda do simbólico.

A este respeito, encontramos no “Seminário 7: A ética da psicanálise”, que “a dimensão do bem levanta uma muralha poderosa na via do nosso desejo” identificando a necessidade de “um repúdio radical a um certo ideal do bem”. É isto afinal que nos propõe a ética psicanalítica, proposição através da qual a psicanálise pode se interpor, fazer parada à este novo discurso social.

E será que nós, que trabalhamos nas instituições em nome da psicanálise, estamos realmente realizando esta função? Ou, temos sido bons guardiões da *qualidade total* e de *que o trabalho não pare*?

“Continuem trabalhando, que o trabalho não pare.”, esta teria sido uma proclamação proferida por dois homens na nossa história: Alexandre, em uma de suas conquistas, e Hitler, chegando à Paris. Lacan evoca esta proclamação para assinalar que a moral do poder, aquela que se associa à ética tradicional pode ser definida assim: “quanto aos desejos vocês podem ficar esperando sentados”.

E é sempre bom lembrar os ensinamentos de Freud, primeiramente através da célebre formulação

“Amem e trabalhem”, saída crucial para o sofrimento humano, síntese genialmente avessa à exclusão do desejo identificada na frase reproduzida acima.

Aliás, é Freud quem fundou, através da noção de inconsciente, a clivagem da subjetividade, inaugurando um afastamento e um decentramento da consciência e conseqüentemente uma virada no estatuto secundário do inconsciente.

Este tema é trabalhado por Ricardo Goldenberg, que desenvolve uma bela articulação entre liberdade, desejo inconsciente e responsabilidade, evidentemente numa referenciação à ética psicanalítica.

Este autor cita em seu livro um trecho de uma carta de Freud à Theodor Reik, o qual inquiria o mestre sobre um dilema do tipo amor ou carreira. Reproduzirei para vocês este fragmento:

Eu não posso lhe falar senão da minha experiência pessoal. Para tomar uma decisão de importância secundária, sempre achei por bem pesar com cuidado prós e contras. Ao passo que para assuntos de capital importância, tais como a escolha de uma companheira ou de uma profissão, a decisão deverá vir do inconsciente, do fundo de nós mesmos. Para as decisões importantes da vida privada, na minha opinião, deveríamos nos deixar governar sempre pelas necessidades mais profundas de nossa natureza.

Ir de encontro ao desejo, distanciar-se do campo da razão, da consciência, da vontade, esta é a moral de Freud. Moral que nos remete ao fato de não haver para o desejo humano um objeto que o satisfaça, que a nossa subjetividade é constituída pela falta de objeto.

Pautado neste princípio, deparamo-nos com a relativização, desde o estatuto psicanalítico, do termo *liberdade*, considerando que o homem tem uma “aptidão para a servidão, para a subserviência” em virtude do seu “apetite pelo desejo de um outro ser humano”, possível pela inscrição do Outro.

E hoje as escolas, desde o maternal, nos declaram suas metas: “formar indivíduos autônomos e competitivos”. Sabemos que esta é a ideologia do liberalismo burguês, “it is up to you”, e não temos autonomia, pois não é politicamente correto, para questionarmos esta fórmula.

Eu pergunto: Por que não se preocupam com o desenvolvimento de sujeitos felizes? E provavelmente ouviríamos como resposta que o indivíduo autônomo e competitivo pode alcançar a máxima felicidade... E disto

poderíamos escutar: ele estará apto para a busca de todo o gozo. Autonomia, sinônimo de independência do Outro? A felicidade para os gregos era *eudaimonia*, que significa possuir um bom demônio. Bons tempos, onde a felicidade pessoal estava no centro de uma ética, e aludia ao desejo.

E falando em felicidade, Dufor lembra-nos que Freud tratava em seu trabalho “O mal estar da civilização”, exatamente da infelicidade humana em virtude dos avanços técnico-científicos. Dizia Freud:

O futuro longínquo nos levará, nesse domínio da civilização, novos e consideráveis progressos, verdadeiramente de uma importância imprevisível; eles acentuarão, sempre mais, os traços divinos do homem. No interesse do nosso estudo, não queremos contudo esquecer que, por mais semelhante que ele seja de um deus, o homem de hoje não se sente feliz.

E Freud nos deixou duas questões cruciais a respeito da ética da psicanálise: seria esta regida pela lei do supereu? Seria ela a instauração dessa lei no sujeito? Lacan respondeu a esta questão, dizendo tratar-se aí de uma lei que funda o desejo, a qual, diferentemente de uma lei do supereu, circunscreve uma ética do bem-dizer, esvaziando o gozo de qualquer boa ou má vontade.

Bem, o cerne das questões que procurei desenvolver são fruto em parte da minha experiência de trabalho numa instituição hospitalar, indagando se realmente temos tido todo o cuidado necessário para que não sejamos meros zeladores de que “o trabalho não pare” e para que “quanto aos desejos, esperemos sentados”.

Então, confesso que fiquei intrigada quando, recentemente, me deparei nas últimas páginas do livro “Por que a psicanálise?”, de Elisabeth Roudinesco, com a descrição que ela faz dos psicanalistas das novas gerações hoje:

[...] todos fizeram os mesmos estudos de psicologia e muitos exercem outra atividade que não a de psicanalistas: em geral são psicólogos clínicos... têm poucos pacientes particulares e trabalham principalmente em instituições onde utilizam outras técnicas: psicodrama, psicoterapia... Todos exercem funções nos serviços de saúde...

E nestas mesmas páginas, a autora nos fala que “[...] se a economia de mercado trata os sujeitos como mercadorias, os pacientes utilizam a psicanálise como um medicamento, e o analista, como um receptáculo de seus sofrimentos...”, assinalando a existência, atualmente, de

uma resistência dos pacientes a entrarem no dispositivo transferencial psicanalítico.

Ando mesmo inquieta com tudo isso, deparamo-nos hoje com redobradas dificuldades para sustentarmos a máxima de “não recuarmos ao nosso desejo”? Quais as implicações aí existentes em nossa formação e em nossa prática?

Bem acredito que Lacan nos indicou o caminho para trabalharmos sobre estas e tantas outras questões, quando disse:

[...] o fato de vocês serem psicanalistas não os exime de serem inteligentes e sensíveis. Não basta que um certo número de chaves lhes tenham sido dadas para que vocês se aproveitem disso para não pensar em nada, e se esforcem, o que é a inclinação geral dos seres humanos, por deixar tudo no lugar

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUFOR, D.R. A Anulação do Outro. In: *Palavração: Revista de Psicanálise*, Ano IV, n 4, p. 39-50, 2000.
- FREUD, S. El malestar en la cultura. In: *Obras Completas*, tomo III, Madri: Biblioteca Nueva, 1973. p.367.
- GOLDENBERG, R. *Ensaio sobre a moral de Freud*. Salvador: Ágalma, 1994. p.130.
- JULIEN, P. *O Estranho Gozo do Próximo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p.174.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997. p.396.
- MELMAN, C. *Seminário: Novas formas clínicas, no início do terceiro milênio*. Curitiba, abril, 2002.
- ROUDINESCO, E. *Por que a psicanálise?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p.163

GAROTA INTERROMPIDA

Valéria Codato Antonio Silva

Qualquer semelhança na escolha deste título não é mera coincidência. “*Garota interrompida*” é o título de um filme que apresenta a história de algumas jovens que enfrentam dificuldades diante do momento de travessia ao qual todos somos submetidos, que é a passagem do mundo infantil ao adulto. Tomei-o por empréstimo por considerá-lo bastante sugestivo para tratar o que pretendo abordar neste trabalho: a questão da adolescência e suas articulações com o que pode se apresentar como fenômeno num caso de “clínica de borda”.

Muito se discute hoje sobre a adolescência como um efeito da pós-modernidade, resultado da insuficiência de dispositivos sociais presentes em outros tempos e que definiam a passagem do púbere ao mundo adulto. Pode-se dizer que a adolescência nos dias atuais trata-se de um apelo aos ritos iniciáticos, tão comuns em outros tempos e em outras culturas, claramente descritos por Silvia Tubert, em seu livro “A morte e o imaginário na adolescência” como aqueles que garantiam o acesso à ordem simbólica, ao universo social e cultural. A maioria dos ritos inclui algum simulacro de morte e ressurreição no transcurso do qual se imprime uma marca, geralmente no corpo. Os iniciados morrem para a infância, as mães choram por eles como se chora pelos mortos, e aos iniciados se oferece o acesso ao aprendizado dos adultos e à virilidade.

A adolescência, portanto, refere-se à passagem de uma situação a outra e implica um afastamento, uma separação, cujo modelo inicial é o nascimento, e uma saída cujo significante é a morte: morte do mundo infantil, do corpo infantil e dos pais da infância. Assim, longe de considerá-la apenas como uma “fase evolutiva” como pretendem alguns educadores ou até mesmos profissionais do campo *psí*, a psicanálise toma a adolescência como um momento-chave onde se dá uma operação psíquica determinante e estruturante de reedição da novela borromeana.

Por não contarmos em nossa cultura atual com ritos específicos para demarcar tal passagem, a adolescência de cada um se faz então, segundo uma maneira própria, segundo um rito individual que é

necessariamente determinado pelo “mito individual” e balizado pelo discurso da cultura. “Mito individual” enquanto aquele apontado por Lacan, efeito da combinação dos significantes fundadores da subjetividade dos sujeitos neuróticos, que revela como a subjetividade está estruturada ao modo do nó borromeano (RSI), e fatalmente “o que separa o destino daqueles podem adoescer do destino dos que diferentemente, adoecem”, como aponta Xavier (1997).

A partir das modificações imperativas que a puberdade produz no seu corpo, o adolescente terá que atravessar um momento crítico, que para Melman (1997) trata-se de “um momento em que o sujeito não encontra o lugar de seu gozo”. Diante do real do sexo, o adolescente vive a crise de um mau encontro, que o coloca definitivamente frente à impossibilidade da relação sexual. Para ele não há mais o que esperar, e a castração já não pode mais ser velada.

Para a criança, há uma espécie de promessa que sustenta o período de latência, ou seja, ela renuncia à atividade sexual e aceita sua condição esperando alcançar no futuro o gozo prometido (“mais tarde você poderá”, “quando você crescer...”), até que, chegada a adolescência, a promessa do Édipo se mostra enganadora, pois descobre que não basta ter o instrumento genital para exercê-lo, mas que o acesso à sexualidade se faz de maneira muito mais complexa.

Segundo Freud (1905), este é o momento do 2º despertar sexual, no qual:

[...] a pulsão sexual, que até agora era essencialmente auto-erótica, vai descobrir o objeto sexual [...] aparece um novo objetivo sexual e todas as pulsões parciais se combinam para atingi-lo, ao passo que as zonas erógenas ficam subordinadas ao primado da zona genital”.

A genitalidade passa a ocupar uma posição dominante, garantindo a conclusão do processo de identificação sexual iniciado na fase edípica. Estar do lado homem ou do lado mulher é o que na melhor das hipóteses define sua inscrição no campo das neuroses. Mas esta virada pulsional só será possível, na medida em que o narcisismo, como condição estruturante, ofereça os instrumentos e as condições para os investimentos objetais necessários.

Para Rissial (1999) a adolescência só se faz possível depois do “estadio do espelho”, pois sob o olhar do outro, o sujeito terá que se reapropriar de sua imagem, agora transformada. É sob o olhar do outro, ao mesmo tempo semelhante, objeto e pertencente ao Outro sexo, que o corpo do adolescente muda de estatuto e de valor. É o outro que poderá reconhecê-lo como desejável e desejante, ao preço do sintoma sexual.

Lacan utiliza-se do estadio do espelho para descrever como se dá a organização narcísica da criança. Por meio de uma relação especular e alienada com o outro, a criança se identifica à imagem que o outro tem dela. É o outro quem lhe empresta uma visão unificada e valorizada de si, enquanto completa. Uma imagem que sabemos ser ilusória e enganadora, mas necessária para que posteriormente se faça seu luto. Lacan isolou o momento de júbilo em que a criança, posta diante do espelho, aí se reconhece e é reconhecida pela mãe - constituição de um eu imaginário - ao preço de uma alienação, pois a imagem com a qual a criança se identifica é a condensação do próprio desejo materno. A criança se deixa então tomar pela imagem unificada e idealizada que recebe do outro, superando assim a experiência do corpo despedaçado, mas terá que atravessá-la, para que se dê a passagem do narcisismo primário para o narcisismo secundário, de um Eu ideal a um Ideal do Eu, num passe que não é de mágica, mas que suporta a dor de reconhecer não ser o objeto capaz de obturar a falta no Outro. Tempo necessário para que o eu se organize separado do outro, enquanto corpo delimitado pela pele e destacado do corpo do Outro materno; tempo necessário para que o imaginário e o simbólico se organizem em torno do real da falta, da castração.

Abandonar a imagem infantil e descolar-se definitivamente do lugar de objeto imaginário que representa para o Outro, eis a grande tarefa da adolescência, que só poderá ser executada a contento se as ferramentas do simbólico e do imaginário estiverem em bom estado de funcionamento (ou amarração). Dificuldades na organização narcísica e na organização pulsional, encontram na adolescência um momento privilegiado de revelação. Se para qualquer adolescente já é difícil simbolizar as mudanças no real do corpo, para aqueles cuja imagem permanece incompleta ou

defeituosa, a vivência de uma dor narcísica insuportável pode provocar o florescimento de quadros graves de angústia, *acting-out*, e até mesmo surtos psicóticos ou suicídios.

Ao longo de vários anos venho participando de eventos da BFC que versam sobre a “clínica de borda” como apresentações fenomênicas na clínica que muito diferem dos sintomas até então assíduos frequentadores dos consultórios psicanalíticos. Trabalhos realizados pelos psicanalistas Ângela Valore, Luiz Renato e pelo saudoso Norberto Irusta, insistentemente apontam para novas vicissitudes da clínica, e sustentam a hipótese de falhas na constituição do sujeito que vão fazer diferença justamente na passagem da adolescência.

É a partir da análise de uma adolescente que pretendo reunir aqui alguns elementos clínicos que coincidem com as ideias que vem sendo discutidas nesta instituição, e que justificam a escolha do título do trabalho: “garota interrompida”.

Para que um sujeito se constitua enquanto sujeito do desejo, é imprescindível que deixe de ser objeto. Mas, para deixar de ser objeto, é também essencial que um dia tenha ocupado este lugar. Sabemos que é a demanda materna que oferece um lugar a ser ocupado pela criança como objeto de seu desejo, através da equação $falo=bebê$, de modo que com seus cuidados maternos passa a banhar o corpo infantil de linguagem, inscrevendo-o simbolicamente. Nos primeiros tempos a mãe responde quase automaticamente àquilo que supõe ser do campo das necessidades da criança, mas muito cedo se cava uma defasagem entre, por um lado, a dialética da demanda e do amor e, por outro lado, a da necessidade e da satisfação. É o que permitirá o estabelecimento do circuito pulsional, e o ingresso da criança no campo do desejo, que segundo Lacan, se inscreve sempre entre a demanda e a necessidade. Se, por um lado a criança se oferece como objeto para tapar a falta do Outro, por outro lado, o movimento pulsional da mãe deve apenas contornar o objeto, e deixá-lo cair, o que abre a possibilidade de separação e de corte necessários à emergência do sujeito.

Para demonstrar como se dá a constituição do sujeito, Lacan (1964) utilizou-se do vel da alienação, que comporta duas operações essenciais: alienação e separação. Ao se submeter ao universo semântico do

Outro, pois é ali que vai encontrar um sentido, a criança se coloca em posição de alienação, de afânise (ou desaparecimento), comparecendo apenas como objeto-coisa. É preciso uma segunda operação – separação - na qual o objeto cai, para instalar-se o representante pulsional no inconsciente da criança, e assim retornar enquanto sujeito. A separação é ao mesmo tempo o que produz a perda, perda do *objeto a*, e também o que produz o sujeito. Portanto, o intervalo necessário entre as demandas maternas é o tempo suficiente para que o objeto caia, a representação se inscreva, e o corpo se perca enquanto carne, inscrevendo-se no simbólico.

Perde-se o corpo em troca da palavra, e quando todo o corpo estiver perdido na linguagem, no simbólico, a organização narcísica e o circuito pulsional estarão funcionando ao modo do significante fálico, alicerce de uma constituição neurótica bem como de seus sintomas. Na ida da alienação e na volta da separação, o que fica é uma marca - representação de coisa para Freud, traço unário para Lacan que um-a-um constituirão a cadeia significante.

Mas, o que dizer de casos em que um pedaço de corpo, de carne, como nos diz Ângela Valore, permanece apenso ao Outro, fora do campo das representações, fora da circulação significante? Corpo demasiadamente presente enquanto dor permanente de existir. Angústia constante, sobre a qual nada se associa. Dentro e fora se confundem, dando lugar a crises de angústia cada vez mais intensas e freqüentes. Assim, apareceu em meu consultório aquela que ora denomino *garota interrompida*, pois foi por esta via que pude escutá-la ao longo de quase três anos de processo analítico.

Desde o início do tratamento colocava-se como alguém que "nasceu para nada", e com uma certa inadequação em sua auto-imagem. Sentia-se diferente das outras garotas, como se portasse um defeito em sua imagem corporal, a qual nunca conseguiu apontar ou dizer com as palavras. As lembranças sobre os medos infantis se fizeram presentes, dizendo que era muito apegada aos pais, e que sentia medo de ser abandonada quando criança, o que a fazia chorar e cometer escândalos quando era deixada na escola. Contava que nos momentos em que seus pais se preparavam para sair de casa e que ela ficaria sob os cuidados de outra pessoa, era necessário que eles a trancassem no quarto para que

ela não os impedisse de sair. Também trouxe lembranças sobre medos noturnos, que a faziam buscar a cama dos pais durante as noites.

Garota Interrompida foi a única filha até por volta dos quatro anos de idade, quando nasceu seu único irmão. Sempre fora uma garota dedicada aos estudos, e com dificuldades de cunho social, tendo poucos amigos e certo embaraço para se relacionar com os rapazes. Filha de uma professora universitária, com título de doutora, a quem atribui auto-confiança, firmeza nas opiniões, aquela que "tudo sabe". Por outro lado, o pai é um professor de escola pública no Ensino Médio, cuja figura desvalida e impotenzada é sempre apontada pela sua mãe. Vê o casal parental com uma vida infeliz, onde não há amor nem desejo, e que esperam o dia em que os filhos se formem e saiam de casa para que "possam se separar".

Ela própria é estudante, foi aprovada no primeiro vestibular como a primeira classificada num curso bastante concorrido, fato que a princípio se revelava como uma escolha alienada no desejo dos pais, mas que através da análise, pode se apropriar como sendo a profissão que pretende seguir.

Não foi mera coincidência que *Garota Interrompida* tenha procurado ajuda justamente no momento de sua iniciação sexual, aos 18 anos de idade, com seu primeiro namorado. Exercer a sexualidade genital só é possível para quem pode perder a imagem do corpo infantil e se defrontar com o impossível da relação sexual. A virada pulsional na adolescência só é possível para quem atravessou o espelho, as relações imaginárias alienantes e ameaçadoras, sendo capaz de reconhecer a castração, sustentada por um pai que pudesse salvá-la da devoração e do aprisionamento da demanda materna. Esta não é a condição de *Garota Interrompida*, que tem um pai tão desvalorizado aos olhos de sua mãe. Ao menos, a análise pode interrogá-la quanto ao que seu pai representa para ela, podendo até perceber nele algumas qualidades, apesar de suas falhas.

O "medo de se perder" ou de perder a consciência de quem é, somados ao medo de não saber "voltar para casa", determinavam que só saísse de casa com nome e endereço no bolso. Triste destino para alguém que só se reconhece na imagem especular ainda presa ao Outro, cuja vivência de desaparecimento surgia a cada vez que o olhar ou a voz do outro não lhe

confirmava sua existência. Temendo não saber mais quem é, telefonava da rua para casa ou para o trabalho da mãe, pois ao falar com ela tinha certeza de quem era.

Com o namorado, repetia a mesma experiência alienante e especular, envolvendo ameaças de suicídio e consecutivos *acting-outs* que incluíam agressões físicas e brigas no meio da rua, cada vez que ameaças de separação aconteciam na relação.

As crises de angústia mais intensas apareceram associadas a idéias de morte dirigidas aos seus pais, irmão e namorado. Ao se deparar com sentimentos de ódio tão violentos e pensamentos tão cruéis, *Garota Interrompida* pedia aos pais para que a amarrassem, internassem-na, e a impedissem de que ferisse ou matasse alguém. Sentia-se uma criminosa, e acreditava que “ficando solta” poderia cometer crimes horríveis.

“Perder-se”, “ficar solta”, são os medos dela. Mas, não é o fato de a pulsão contornar o objeto e deixá-lo cair que abre a possibilidade de separação? Manter-se como objeto da demanda é manter o próprio corpo como um bem para o outro, e o que comparece é a ameaça de devoração. Relação mortífera na qual para que um possa existir, o outro terá que desaparecer. Ter a certeza de que não é nada em seu corpo o que o Outro deseja, de que não é o objeto capaz de satisfazer o Outro, exige que minimamente a separação tenha sido operada pela metáfora paterna, produzindo o enigma “O que queres de mim?”

Longos meses de sofrimento, sessão-pós-sessão foram necessárias para que a angústia cedesse e desse lugar a um controle obsessivo sobre seu dia-a-dia. Rituais, organizações rígidas em sua jornada diária, controle consciente sobre suas idéias. Passou a conviver lado-a-lado com o inimigo: ela própria. Considerando que não há lugar em que se sinta segura ou salva, então não há mais o que temer, nem o que perder...Pode então questionar suas escolhas, inclusive a própria análise, produzindo seus próprios enigmas e buscando suas próprias respostas, não mais alienadas no outro.

Conforme afirma Lacan, no Seminário 11:

O que o sujeito tem que se libertar é do efeito afanísico do significante binário e, se olharmos de perto, veremos que, efetivamente não é de outra coisa que se trata na função da liberdade.”

Sabemos que o que não pode vir pela via da palavra faz sintoma, que é da ordem do recalçado, ou é mostrado, quando está ausente a representação à qual a palavra se articularia. Mostração naquilo que Lacan identificou como a zona de relação do *acting-out*, situada no campo da impossibilidade do recurso do fantasma. Falhas na constituição do fantasma, da identificação narcísica, da imagem ideal *i(a)*, que Norberto Irusta denominou “buracos negros no espelho”. Pontos cegos por onde o eu se escoia, carente das ferramentas do simbólico e do imaginário para responder à demanda do Outro mediado pela Lei, pelo significante Nome-do-Pai. Capturado na posição de objeto-coisa, como um bem que é cuidado, mas que não pode ser perdido, mantém seu corpo aprisionado neste ponto, onde a angústia não tem outro recurso, senão aflorar no real. O *acting-out* é a pura emergência da angústia que demanda interpretação. É uma forma de dizer, não com palavras, não com o sintoma, mas com a atuação ou mostração.

E o que diferencia este caso de outros tantos neuróticos que recebemos em nossos consultórios? Ao considerá-lo como um caso de “clínica de borda”, sem dúvida, refiro-me a uma estrutura neurótica, mas numa montagem onde a angústia comparece como seu ingrediente especial.

Ao apresentar o nó borromeu, Lacan articula as dimensões do Real, Simbólico e Imaginário com diferentes formas de gozo. O gozo fálico articulado ao Sintoma (entre S e R), o do Sentido articulado à Inibição (entre I e S) e o gozo do Outro (entre I e R) onde Lacan situa a Angústia. Angústia onde a palavra está ausente e, para alguém do significante, o corpo - pura carne transborda em presença. O que não pode vir pela via da palavra ou do sintoma, que é da ordem do recalçado, mostra-se como fenômeno, pois falta a representação à qual a palavra se articularia. Mostração naquilo que Lacan identificou como “zona de relação do *acting-out*”, situada no campo da impossibilidade do recurso ao fantasma.

Não se pode deixar de considerar as dificuldades na transferência que os casos de “clínica de borda” apresentam. Há instalação do Sujeito-Suposto-Saber, mas especificamente no que diz respeito ao fenômeno, não podem alienar um saber no analista, posto que não se trata aqui de um saber insabido. Por outro lado, como nos alerta Ângela Valore “um sujeito que se encontra preso de

uma montagem na qual ele abdica sua demanda em favor de um outro, facilmente provoca nos outros a demanda à qual renunciou”. Sério risco para o desejo do analista, que nestes casos pode vacilar quando o interesse pelo caso e a torcida pela cura do paciente podem trilhar o fracasso do tratamento.

Garota Interrompida decidiu-se a interromper o tratamento num momento de vacilação da transferência. Pela primeira vez foi capaz de expressar o que sentia, de manifestar hostilidade contra a analista, de questionar seu saber e de poder dizer: “quero me virar.” Ao que interoguei: “Para que lado?” E ela prontamente respondeu : “para fora!”.

Virar-se para fora não é justamente a posição necessária para o atravessamento da imagem narcísica na adolescência? Desta forma, foi capaz de enunciar uma escolha e de ser responsável por ela, sem ter que se alienar no desejo do outro. “Quero me arriscar e, se descobrir que errei, quem sabe posso até voltar...” Diante de tais palavras só me restou, enquanto analista, converter-me no destinatário da pergunta: “Podes perder-me?” Comparecendo com meu ato: “Posso!”

De garota interrompida à garota que interrompe, fazendo circular o que antes estivera interrompido, num passe que, enquanto saída, representa uma entrada: entrada na adolescência, ainda que tardia!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, S. Três Ensaio sobre a Sexualidade. In: *Edição Standard das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1905.

IRUSTA, N. Buracos negros no espelho – pontos de aspiração do eu. In: *BFC, IX Jornada*, 1997.

LACAN, J. *Seminário 11 - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1964.

MELMAN, C. Os adolescentes estão sempre confrontados ao Minotauro. In: *Adolescência: entre o passado e o futuro*. APPOA, 1997.

RASSIAL, J.J. *O adolescente e o Psicanalista*. Cia de Freud, 1999.

TUBERT, S. *A morte e o Imaginário na adolescência*. Cia de Freud, 1999.

VALORE, A. Montagens Tóxicas. In: *BFC, XI Jornada*, 1997.

XAVIER, E. F. A irrupção da psicose na adolescência. In: *Adolescência: entre o passado e o futuro*. APPOA, 1997.

Em setembro deste ano, uma matéria do suplemento “Mais” do jornal “Folha de São Paulo”, chamou minha atenção.

Essa matéria, escrita por Jurandir Freire Costa, psicanalista e professor de Medicina Social na Universidade do Rio de Janeiro, é uma homenagem que faz a uma grande amiga que havia falecido.

Jurandir diz: “a morte das pessoas queridas impõe um difícil trabalho aos que lhes sobrevivem: como mantê-las na lembrança depois que o luto cessa”, pois, “o sofrimento, como toda emoção cedo ou tarde passa”. “Os que morrem, porém, podem escapar ao esquecimento se a posteridade assim decidir.”

E ele se pergunta: “Como guardar a memória de alguém sem trair sua vida?” “Lembrar é sempre fixar os acontecimentos em uma moldura arbitrária. E no caso da morte, o perigo do arbítrio é maior, já que aquele que é lembrado nem tem a chance de escolher a moldura nem o retrato emoldurado”.

Mas Jurandir, ciente do risco que corre, não foge a ele, dizendo da “esperança de acertar onde é tão fácil errar”. E começa sua homenagem citando esse pensamento de Karen Blixen, uma escritora dinamarquesa: “Todas as dores podem ser suportadas se você as puser numa história ou contar uma história sobre elas”. Jurandir nos diz que “[...] nas histórias, a dor se torna suportável, porque deixa o tempo fútil da emoção pela imortalidade da duração”.

A leitura dessa matéria me fez perceber, que na minha produção possibilitada pelo trabalho em Cartel, quis também correr esse risco e contar parte de minha história em que esteve presente nosso querido Norberto. Espero poder contribuir para que o trabalho por ele realizado possa continuar sendo reconhecido e bem emoldurado.

Sêneca disse: “[...] nada nos pertence daquilo que o acaso nos traz”, mas concordo com Jurandir que “o reconhecimento póstumo, contudo, é uma exceção a essa regra, embora trazido pelo acaso, uma vez ganho não pode ser perdido”.

Começo então a contar essa história...

CARTEL: “O DESEJO”

C + AINDA
PULSÃO DE MORTE COMO SUPORTE DO DESEJO
SAUDADES DE UM ANALISTA E DE UM MESTRE

Alicia Mendes Tuaf

Lacan, no Seminário 11, nos diz:

Tudo o que Freud soletra das pulsões parciais nos mostra o movimento circular do impulso que sai através da borda erógena para a ela retornar como sendo seu alvo, depois de ter feito o contorno de algo que chamo de *objeto a*. Ponho que – e um exame pontual de todo texto é o que pode por em prova a verdade que avanço – é por aí que o sujeito tem que atingir aquilo que é, propriamente falando, a dimensão do Outro.

No nosso grupo das segundas-feiras, trabalhando o Seminário 11, com Norberto Irusta, pergunto a ele de que se trata esse “é por aí”. Ele me responde que esse “é por aí” refere-se ao processo analítico, que coloca o analisante em contato com a pulsão, para que os sentidos aos quais se encontra amarrado sejam desmontados, fazendo com que o mesmo saia da paralisia com a qual procura manter seu imaginário consistente. Diz-me Norberto, que puxando a equivocidade, o analista visa fazer o aparelho psíquico voltar a funcionar com o exercício da linguagem. “Com a pulsão quebra-se o automaton”.

Além de meu mestre, Norberto era meu analista e o andamento de minha análise fez-me começar a andar após anos de paralisia. Nessa caminhada reencontro-me com meu desejo de exercer minha profissão e, ao final de uma determinada sessão, pergunto a Norberto qual deveria ser meu próximo passo em direção ao meu desejo de ser analista. Responde-me ele, que eu poderia fazer um pedido de ingresso como membro em formação na Biblioteca Freudiana, mas que a decisão cabia a mim.

Marco uma entrevista com Maria Angélica, que acolhe meu pedido e fica de apresentá-lo aos analistas-membros da BFC para ser analisado. Passados alguns meses, sem saber o parecer dos analistas e diante da pergunta de meu irmão se eu já havia recebido uma resposta, digo a ele:

- Tenho medo de perguntar se fui rejeitada.

Meu irmão me diz:

- Reparou em como você me respondeu? Usou o termo rejeitada.

Realmente, ao colocar meu ideal na perfeição, não me imaginava capaz de atender as condições da BFC e minha tendência era acreditar na derrota antes mesmo de lutar por meu desejo. Falo ao meu irmão que ele daria um bom analista.

Como fã do seriado “Jornada nas Estrelas”, assisto nesta mesma semana um episódio no qual os tripulantes da nave estelar Enterprise estavam enlouquecendo. Descubrem que o motivo de tal coisa era um fenômeno espacial que os estava impedindo de sonhar. Elementos químicos e suas configurações eletrônicas aparecem nesse episódio. Todas essas situações me fazem produzir o seguinte sonho:

Encontro-me no consultório do Norberto e ele traz um envelope que contém a resposta ao meu pedido de ingresso como membro em formação na Biblioteca. Ao mesmo tempo que o envelope contém a resposta ao meu pedido, essa resposta representa o esquema de meu aparelho psíquico.

No sonho, Norberto vai me falando sobre “ces” como as condições que eu deveria atender para ser membro da BFC. Depois de tantas condições ele me diz de um c + ainda e isso me faz sorrir..

Na minha sessão de análise seguinte, relato todos esses acontecimentos. Nessa sessão, a escuta de Norberto sobre esse sonho, lembra-me de uma das leituras que Lacan faz da frase freudiana “Onde Isso estava que o sujeito do inconsciente advenha”. Isidoro Vegh em seu texto “Vida e Morte” comenta essa leitura dizendo: “não é a mesma coisa escutar um sonho, para encontrar o desejo sexual infantil incestuoso que deveria colocar-se como caução, que escutá-lo para encontrar a produção do novo traço que representa o sujeito mais-além de onde o Outro quisera retê-lo”.

(Voltando à sessão) Após meu relato, Norberto pergunta-me: “O que te diz esse sonho?”

Digo a ele que aquelas configurações eletrônicas, onde elétrons giram em torno de núcleos e os elétrons sozinhos, representam a energia da pulsão, ligada ou não a objetos. Digo que no eixo horizontal a letra C representa as marcas pulsionais; o CE e o SE representam o inconsciente e o C + ainda representa a pulsão de morte, o mais além do princípio do prazer.

- E esses números?- pergunta Norberto.

Respondo que é o cálculo do meu fantasma e que o resultado 26,4 e 27 representam respectivamente, a idade em que me tornei mãe e a idade de minha mãe quando nasci. Digo a ele que só não compreendo as estrelas na interseção dos eixos. Digo também, que o meu sorriso no sonho, lembra-me que o escutei dizer num seminário, esperar ao final de uma análise, que seus pacientes pudessem rir dos seus problemas.

Após uma pausa, Norberto me diz:

- Depois da letra, algo da ordem de um equívoco se apresenta, mas que retorna a letra. Alicia, quando não sonhamos podemos enlouquecer. É possível ser mais do que mãe e filha.

E termina a sessão.

Mãe e filha ou filho, “é por aí” que a história particular de cada um começa a ser escrita e as condições dessa história se encaminhar “bem ou mal” e se estabelecem.

Mãe, grande Outro, do qual o bebê recém-nascido, ser somático expressando um desequilíbrio biológico recebe um algo mais do que precisava, um excesso.

Ao receber esse excesso, o ser biológico se perde e o recém-nascido agarra-se ao sentido proposto pelo Outro: o de dar conta, enquanto boca, do seio que este supõe ter.

Alienado ao sentido, o bebê encontra uma posição de ser objeto da demanda materna, trocando carne por significante.

Mas, o grande Outro materno, procurando o corpo de seu bebê desde seu movimento pulsional, tenta arrancar um pedaço desse corpo trazendo-o para si. Só que ao trazer esse pedaço, dá-se conta de sua própria perda, já era esburacado, já estava marcado pela falta e o encontro com a boca do bebê não realiza seu desejo. O pedaço trazido não preenche o furo, é solto, ficando perdido para sempre, instalando uma falta, que gerará um desejo.

Insatisfeita, a mãe passa para outra demanda, interditando a oralidade. Essa operação estabelece a pulsão oral e um representante psíquico será fixado e será ponto de atração de todas as passagens similares. A pulsão ficará ligada a esse representante, a essa marca pulsional da ordem da letra. Marca aleatória que não

registra diante do excesso recebido, aquilo que provocou satisfação, tornando-se impossível recuperar tal identidade de percepção.

E assim, de demanda em demanda, num desejo insaciável, a mãe vai letreando a carne de seu bebê, fundando nesse organismo a ordem do humano.

Nesse processo de trocar carne por significante, comparecem os três registros do campo psicanalítico: real, simbólico e imaginário, numa articulação borromeana, na qual não se pode isolar nenhum registro, sem que o nó se desfaça e o campo psicanalítico desapareça.

E no centro dessa articulação se estabelece um furo, o buraco real da falta, testemunha de *das Ding*, do pedaço perdido, objeto nunca havido, mas que deve ser reencontrado, sendo assim objeto causa do desejo, *objeto a*.

Tarefa essa da qual se encarregará o aparelho psíquico tendo como referência a experiência de satisfação, tentando reproduzi-la por meio de sucessivas tentativas de reencontrar *das Ding*, sem conseguir jamais.

Essa impossibilidade de encontrar *das Ding* funda, nas sucessivas voltas da demanda em torno desse furo central, o inconsciente. Um campo habitado pela falta, falta essa que gera o desejo.

Esse campo é estruturado como uma linguagem, sendo a linguagem a sua condição. Somos falantes e somos falados pelo discurso do Outro. E a linguagem comparece na ordem do significante, na ordem do signo e na ordem da letra. E suas leis são a da metáfora e da metonímia, por onde desliza o desejo. Leis que, articuladas, permitem ao inconsciente produzir sentido, função do recalque, ao articular as letras das marcações pulsionais que o desejo da mãe foi produzindo na criança.

Mas o desejo da mãe é sem sentido e se desloca sobre o corpo da criança através de suas demandas. Demandas que não satisfazem o desejo e deixam restos; restos que marcam a impossibilidade da completude e abrem o enigma do desejo do adulto: “O que será que ele quer?”.

A resposta a esse enigma a criança pensa encontrar no Pai, no que ele se apresenta vindo de outro lugar que não o desejo materno, limitando o desejo da mãe em relação à criança, interditando o corpo da mãe ao filho e situando a mãe como mulher.

A metáfora paterna libera a criança de dar conta da demanda materna, pois a tarefa de acalmar o desejo materno a criança imagina que cabe então ao Pai. Essa operação só se realiza se a metáfora paterna estiver operando primeiramente na mãe, fazendo com que ela esteja em condições de substituir suas carências por outro objeto como se fosse o falo que supre a sua falta.

Assim, através dessa interdição, onde objeto não há, um objeto é fixado velando o impossível, acendendo o desejo com a proibição, criando a possibilidade da metáfora.

O desejo é enigmático, o desejo é pura abertura já que seu motor é a falta. Mas nessa abertura não se pode caminhar. É a interdição paterna, é a castração que fornece a ilusão de que um objeto existe.

E é nessa ilusão, é na busca desse objeto, que o desejo encontra seu caminho e o sujeito pode orientar-se na direção do objeto para seu gozo.

Nesse deslizar do desejo comparece a libido amarrando objetos, tingindo-os como amorosos pela via da metáfora, articulando pulsão com a rede significante. E será no campo do amor que as tentativas de laço se farão, buscando-se a completude. O amor tenta tampar a hiância, parar o movimento, fazendo com que imaginariamente o objeto de completude exista, e isso pode asfixiar o desejo que é movido pela falta.

Mas o real da pulsão permanece aí como suporte. O real é o impossível, o que falta ao encontro marcado. Por isso a pulsão situa-se além da ordem, além da representação, lugar do acaso.

E é como por acaso que a pulsão produz algo que se repete. Um pulsar que nunca pára e que demanda o novo, implica em criação, produção de diferença, já que na busca da identidade de percepção rodeia o objeto e se dá conta de que não era aquele.

Destruir para recomeçar outra coisa, fazendo emergir novas formas, impedindo a perpetuação dos laços efetuados por Eros.

É a pulsão que impede a permanência da totalidade e que possibilita a eterna circulação do desejo, caracterizada por essa busca sem fim do objeto perdido.

E nesse caminhar junto ao desejo, na busca sem fim do objeto perdido, lembro-me sempre do poema declamado por Norberto, na versão como eu o escutei no dia de minha formatura:

Caminhante não há caminho,
Faz-se caminho ao andar
E ao andar se faz caminho
E ao se voltar o olhar para trás
Se há de ver a terra
Que nunca se há de voltar a pisar
Caminhante não há caminho
Senão o reflexo das estrelas no mar.

Serão essas as estrelas de meu sonho?

Ao ler esse trabalho para Ângela Valore, Mais Um de nosso cartel, revelo não saber se teria coragem de apresentá-lo na Jornada e ela pergunta-me o porquê.

Nesse momento me faltam palavras para responder a essa pergunta e dou-me conta que o processo de luto pela perda do Norberto ainda não estava terminado.

Na seguinte reunião do Lugar, olho para a direção onde o Norberto sempre se sentava e penso em como eu gostaria que ele lá estivesse.

Para realizar esse desejo e dar mais um passo na elaboração desse luto produzo o seguinte sonho:

Vejo o Norberto participando do Lugar. Ele está alegre e seu olhar brilha. Distraio-me por um momento e quando olho novamente em sua direção, o lugar que ele ocupava está vazio.

Pergunto onde está o Norberto e dizem-me que ele já foi embora. Mas, em meu lugar, ele havia deixado algo para mim, um vestido branco com inscrições em azul.

É possível realizar, alucinatoriamente, através de um sonho, por exemplo, um desejo. Mas o objeto causa desse desejo é um lugar vazio.

Brigitte Balbure, em seu trabalho sobre melancolia, fala do objeto faltante como a marca da falta estrutural do sujeito, o objeto de sua busca, o que ele lamentará a vida inteira por não encontrar, mas também ao mesmo tempo o que sustentará sua busca e sustentará sua vida.

Minha análise é interrompida com a morte do Norberto, mas como resultado do trabalho realizado ficou para mim, representado pelo vestido no sonho, a possibilidade de sair da histeria e circular pelo campo do feminino, tendo um desejo feminino, um desejo de abertura, um desejo de analista.

Ficou também um saber sobre a psicanálise, transmitido por meio de seus seminários e grupo de trabalho, saber representado pelas inscrições do vestido, como o branco das folhas de meu fichário e as frases

marcantes proferidas por Norberto e anotadas por mim com tinta azul.

Termino citando Brigitte Balbure, “o trabalho do luto consiste em remeter o objeto perdido (que deixou de faltar devido a sua perda) ao seu lugar de falta, para precisamente, dar novamente, função à falta e lugar ao desejo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Dicionário de Psicanálise – Freud e Lacan. vol. 1, 1984. Salvador – Bahia: Ágalma, 1997.

DOR, Joël. *Introdução à Leitura de Lacan.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

GARCIA – ROZA, Luiz Alfredo. *Acaso e Repetição em Psicanálise.* 1986. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GARCIA – ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à Metapsicologia Freudiana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. v. 3.

GARCIA – ROZA, Luiz Alfredo. *O Mal Radical em Freud.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

GARCIA – ROZA, Luiz Alfredo. *Freud e o Inconsciente.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a Filosofia.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LACAN, Jacques. *O Seminário Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROUDINESCO & PLON. *Dicionário de Psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

O SER PÓS-MODERNO

SUJEITO DESEJANTE OU SUJEITO DA DEMANDA ?

Fabiano de Mello Vieira¹

Eu vejo a vida melhor no futuro, eu vejo isso por cima de um muro de hipocrisia que insiste em nos rodear. Eu vejo a vida mais clara e farta, repleta de toda satisfação que se tem direito do firmamento ao chão. (Lulu Santos – Tempos Modernos).

Uma vida mais farta, clara, repleta de toda satisfação... Isso o que sempre sonhamos, parece não estar mais tão longe. Na era do “tudo pode”, temos enfim, a sensação de liberdade. Mas não será essa uma falsa liberdade?

Muitas décadas se passaram desde quando Freud escreveu “O Mal estar na civilização” e com o avanço dos anos, esse mal estar parece ter mudado. Ele assume agora outras facetas por ser amarrado a essa cultura que se modifica, e é sobre essas mudanças e sua articulação com o sujeito e seu desejo que falarei em meu trabalho.

No início do século XX, Freud atribuiu os sofrimentos psíquicos à insatisfação dos impulsos, imposta pela sociedade da época dita “patriarcal” que fazia com que os indivíduos se sentissem culpados por seus desejos e fantasias. Freud de maneira nenhuma sugeriu a supressão total do controle, mas sim, uma maior aceitação da individualidade. Um século se passou e o que temos hoje: sujeitos advogando sua individualidade e conseqüentemente o reconhecimento das diferenças.

Estamos vivendo em tempos de globalização, há um esforço grande na tentativa de um encurtamento das distâncias entre os povos e suas diferentes culturas, como exemplo disso, temos a internet e seu crescimento impressionante e muitas vezes assustador. Tudo hoje em dia pode ser feito pelo computador, desde uma compra de supermercado até o tão falado sexo virtual. A velocidade com que as coisas acontecem, os modismos, a impaciência cada vez mais presente no ser humano retratam a pós-modernidade.

Nos dias de hoje, colhemos os frutos e pagamos o preço por uma ideologia baseada em uma economia liberal que como o próprio nome diz tenta nos liberar de

¹ Psicólogo e Membro em Formação pela Biblioteca Freudiana de Curitiba.

qualquer obstáculo que possa nos impedir de chegar a um gozo pleno. Diante desse *zeitgeist* o Nome-do-Pai se encontra em um declínio cada vez maior, pois como disse Melmann: “[...] o Nome-do-Pai é o guardião desse limite ao gozo”.

E como fica o sujeito frente a tudo isso? E quando eu me refiro ao sujeito, não posso de maneira alguma dissociá-lo de sua condição de desejante. Então, qual será o trilho por onde desliza o desejo do sujeito pós-moderno?

Para chegar a essa resposta, proponho percorrermos um caminho que se inicia na constituição do sujeito.

A partir do momento em que nascemos, nossos corpos “naturais” passam a receber uma outra ordem chamada simbólica. O corpo simbólico representa todas as partes pulsionalizadas em consequência do desejo da mãe que acreditará em cada volta da sua demanda que esse corpo poderá suprir a sua falta. Sabe-se que essa completude é impossível, e dessa forma, em cada momento de alienação-separação, mais uma parte do corpo dessa criança estará sendo pulsionalizada e, por sua vez, simbolizada. Para que a parte do corpo seja simbolizada, é necessário que algo do Real se perca. Por exemplo, quando a criança desgruda do seio materno a marca se constitui porque se estabelece aí uma diferença. Paralelamente (se é que se pode dizer assim) a esse processo, ocorre a erogenização desse corpo pelo olhar e pelo investimento narcísico da mãe formando o imaginário da criança.

Esse é o ser humano, constituído a partir de uma lógica composta de Real, Simbólico e Imaginário, e o que diferencia nosso corpo do corpo natural puramente biológico, é a forma com que nos relacionamos com os objetos. Forma essa movida desde sempre pelo pulsional e não pela necessidade, pela impossibilidade e não pela completude.

Durante todo esse processo inicial de constituição do sujeito, já estamos falando de um desejo. Não propriamente do desejo desse sujeito que está se formando, mas de um desejo que move todo esse processo que é o desejo do Outro. O sujeitinho ainda não deseja, ele é colocado nessa posição de suprir uma falta e dar conta de um desejo outro que não o seu.

Surge então um terceiro nessa relação – o pai. O único capaz ou não, de libertar esse pequeno ser dessa missão impossível de dar conta desse desejo. E dessa forma, a primeira pergunta feita por esse bebê para essa mãe – podes perder-me? – terá uma boa resposta, a resposta necessária para seu surgimento como sujeito. Sendo assim, a mãe que era o significante, apaga-se dessa condição e situa o pai como significante atribuindo ao pai à função de um operador estrutural que mostra à criança que ninguém, nem mesmo ele é possuidor da plenitude. Se existe algo que podemos afirmar sobre o pai real (diferente do pai da realidade) é, portanto, que este é o agente da castração, momento onde o desejo e sua interdição originam-se. É preciso ser castrado para desejar e é a castração que freia o desejo.

O sujeito surge dessa relação com o Outro. Não apenas surge, mas também será essa relação que sustentará todo o seu desejo. Lacan já nos disse que o desejo é o desejo do Outro. O Outro, embora, assuma esse lugar estrutural e, portanto, individual, atualiza-se sob diferentes formas na história. A modernidade, por exemplo, como nos sugere Dufour, “é um espaço coletivo onde o sujeito é definido por várias dessas ocorrências do Outro”. Ocorrências que mudam o tempo todo. Dufour afirma ainda que, “a modernidade é o espaço da neurose por excelência”, pois cada sujeito assumirá sua dívida para com seu Outro de origem, e as ocasiões de dívida se multiplicarão de acordo com as diversas figuras do Pai existentes para este sujeito. Mas isto seria tema para outro trabalho.

Na Pós-modernidade, as figuras do Outro ainda são todas possíveis (Deus, os Orixás, Rei,), porém, parece que estão todas falidas. Segundo Pierre Lebrun em seu texto “A função do Pai”, a história recente da paternidade deixa pequenas dúvidas quanto ao declínio dessa função tão importante para a constituição de um sujeito. Este fato pode ser notado se analisarmos desde as novas disposições jurídicas e a evolução do direito da família que cada vez mais limita o poder paterno, até as novas descobertas científicas no campo da genética que exaltam o dito de que a paternidade seja fundada sobre o genitor.

Ou seja, não existem mais figuras do Outro dignas desta posição, deixando o sujeito à deriva, assim nos sugere Dufour.

Por outro lado, temos aí o neoliberalismo, pois não posso falar de pós-modernidade sem falar em neoliberalismo. E quando eu digo “por outro lado” é porque só posso pensar o neoliberalismo em um lado oposto ao sujeito, ou como um conceito que exclui o sujeito. Falar em sujeito supõe falar da falta, falta que o neoliberalismo parece não admitir.

Atualmente fala-se muito em ética, cidadania, democracia, conceitos que implicam necessariamente o sujeito e a liberdade, porém, parecem apenas mascarar o soberano que se apresenta nos dias de hoje sob o nome de “mercado”. Soberano, pois não está submetido à lei (a não ser a sua própria) é autônomo, supremo, dita regras, lança modas... A ética da qual me referia, passa a ser a do mercado, o cidadão agora é o consumidor, e a liberdade distancia-se cada vez mais da exposta por Aristóteles e retomada por Sartre onde “é livre aquele que tem em si mesmo o princípio para agir ou não agir”, a liberdade que se opõe ao que é condicionado externamente. Ou seja, nos dias de hoje, para ser livre segundo esta concepção, só pagando o preço da exclusão.

E como pensar esse sujeito-consumidor preso a essa lógica de mercado? Talvez pelo princípio de que toda oferta gera uma demanda. Se a mãe não oferecer o seio ao recém nascido pelo menos uma vez, nem necessidade esse bebê terá. Se o mercado não lançar um produto novo, você nunca precisará dele. E o mercado lança produtos novos a todo instante e nós consumimos a todo instante. Consumimos e deixamos de consumir, numa constante atualização, ou melhor, num constante *upgrade*. Até crianças muitas vezes são tratadas como bens de consumo – e os fenômenos de borda são exemplos disso. Gozo, gozo e mais gozo....! e o desejo? O desejo por sua articulação com a lei traz uma barra, um limite ao gozo, mas não é isso que o mercado quer. O mercado quer proporcionar uma vida mais farta, repleta de toda satisfação.... Um “gozar sem limites” ao preço de uma vida com menos desejo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUFOUR, D. R. A Modernidade e a questão do Outro. In: *Congresso Internacional de Psicanálise e suas Conexões – O Adolescente e a Modernidade*. Rio de Janeiro, 2000.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. In: *Edição Standard das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

LACAN, J. *O Seminário Livro 17: O Averso da Psicanálise*. São Paulo: Zahar, 1970.

LEBRUN, J. P. La Fonction du père. In: *Bulletin de l'Association Freudienne Internationale*, nº 70, Novembre: 1996.

DISCOGRAFIA

1. SANTOS, L. *Tempos modernos*.

O DESEJO PARA ALÉM DO LIMITE?

Silvana Aparecida Chemin

A chegada do novo milênio sempre esteve associada às expectativas e fantasias. Uma imagem futurista com naves espaciais e viagens interplanetárias, antecipada em inúmeros filmes, seria uma das inovações ao homem privilegiado por ultrapassar esse período da história. Mas essas cenas que habitaram nosso imaginário são substituídas já em 2001 por um grande impacto, diante de imagens reais mostrando homens escondidos em cavernas, uma cena primitiva e ao mesmo tempo desconcertante ao sabermos que o inimigo desses homens é a maior potência democrática e econômica do planeta: os Estados Unidos. Ainda na entrada do novo milênio, anuncia-se a contagem regressiva para a mais polêmica e ousada experiência biológica de todos os tempos: a produção em laboratório de uma cópia idêntica de um ser humano a partir de uma célula comum retirada da pele.

Estamos só no começo dos próximos cem anos. Voltemos um pouco ao século XX. A revista americana "Life" lançou no final de 2000 uma edição especial com os 100 fatos mais importantes do século e também do milênio que estava se encerrando. Freud ocupa a 31ª posição. O texto faz uma referência a "A Interpretação dos Sonhos" como uma obra que trouxe transformações culturais ao mundo moderno e cita o pai da psicanálise como:

[...] aquele que sustentou que os sonhos são a chave para nosso inconsciente – a parte de nossa mente que contém vontades reprimidas, traumas e desejos assustadores demais para serem admitidos. Propôs a cura pela palavra, em que o paciente seria guiado a revelar seus impulsos inconscientes e poderia, então, controlá-los.

Hoje há mais pacientes se tratando com terapias rápidas e recursos farmacológicos do que com psicanalistas, mas o Dr. Freud mudou para sempre a maneira como pensamos sobre nós mesmos.

Apesar de sua apurada escuta e vasta experiência clínica, a observação de Freud não foi suficiente na explicação de determinados conceitos, tendo uma produção teórica como auxílio na conclusão de seus

questionamentos e sobre o que não se encaixava numa transposição direta da observação para a teoria. Um desses conceitos se refere às pulsões. Várias vezes disse serem sua mitologia e mesmo inicialmente considerando-as "especulações", esperava receber alguma relevância ao seu trabalho, essa que situou entre o mental e o somático.

Representantes para Freud e marcas para Lacan: assim são conhecidas as pulsões no psíquico. Mas como se dá essa inscrição simbólica em um ser que ao nascer não demanda nada, mas está, a partir desse momento, inserido em um mundo que o torna dependente da palavra, dos significantes vindos do campo de um outro? Diante do abismo e prováveis conseqüências que um monólogo criaria, se faz necessária uma interação entre aquela que desempenhará a função materna e o bebê, cabendo a esse Outro a árdua, mas também prazerosa função de introduzir essa criança no mundo da linguagem, para que a posição de falado seja progressivamente substituída a de falante, resultado de uma relação ternária, que inclui sons, movimentos e gestos. É uma árdua tarefa, pois essa mãe tem em seus braços um ser onde bordas pulsionais necessitam ser fundadas, que hiências sejam abertas no real desse corpo, sendo que só pela intervenção da demanda desse Outro é que se dará a passagem de uma pulsão à outra, e não por um processo natural de maturação. Tarefa também prazerosa diante desse objeto que lhe completará momentaneamente em seu desejo articulado em demanda por meio de sucessivas voltas por esse corpo. O bebê na sua posição de incompletude como resposta diante desse desejo materno, será recompensado como futuro sujeito também desejante, não condenado a uma condição objetual, mas com uma existência direcionada a objetos propostos a seu consumo.

Mas o que irá desejar? Deseja-se a Coisa, bem supremo, eternamente procurado, que diante de sua inexistência denuncia a impossibilidade do reencontro. Como testemunha do para sempre perdido, lá está o *objeto a* (furo, vazio), na posição do que irá sustentar o não desaparecimento do desejo e ao mesmo tempo sendo contornado pela pulsão sempre parcial e marcada por uma insistência em seu movimento, na tentativa de encontrar o suposto objeto capaz de completar essa falta.

Ao iniciar esse trabalho, destaquei os dois grandes acontecimentos que abrem o novo século. Meu objetivo é falar sobre a guerra e aqueles responsáveis por atos tão extremos e chocantes para a nossa cultura. Antes gostaria de fazer uma breve colocação sobre o outro fato: a clonagem de seres humanos e essa ciência que supostamente tudo sabe, julgando-se capaz de todas ou quase todas as respostas para o desconhecido da vida e do universo, mas que se depara continuamente com o real e seu inesgotável, onde não há saber absoluto. É uma ciência atualmente voltada para a tentativa de criar um ser que desde o início será falado por ela e por sua alta tecnologia. Esse ser será o grande troféu dessa tão poderosa ciência, mas o triunfo que acompanha esse troféu também denuncia a fragilidade das pessoas em uma época onde predominam bens de consumo facilitados por uma vitória do capitalismo de mercado. É uma relação onde se rejeita o desejo, cedendo lugar à aquisição desses bens que nos são constantemente expostos. Depois de inúmeras aquisições consumistas, chegou o momento de desejar um bebê. Desejar? Difícil pensar nessa criança como aquela que virá se identificar ao falo imaginário, mas sim como aquela que se encaixa em uma posição onde o Dom está subtraído ou até mesmo eliminado pela exclusividade do Bem, sem que lhe seja dada uma atribuição fálica. E como no mito de Narciso, é preciso que venha também possibilitar a contemplação da própria imagem. O que poderá ser falado sobre essas crianças alguns anos após seus nascimentos? Será a ciência responsável também por esse dizer?

O bebê do criador está marcado por um furo central, acusando a inexistência de uma verdade capaz de satisfazê-lo integral e satisfatoriamente, ficando sempre um resto, algo a ser preenchido. Lacan, no "Seminário 11", nos diz que anterior a essa falta subjetiva, historicamente outra nos acompanha: a falta real. É ela que nos coloca através da reprodução sexuada na posição de perdedores da imortalidade. É a ligação entre o sexual e a finitude do indivíduo.

O futuro nos reserva o bebê da criatura, onde a importância da divisão sexual na manutenção da espécie humana deixa de fazer sentido. Um futuro não tão distante, pois já se anunciou que o primeiro bebê clonado nascerá em janeiro de 2003. Sendo a ciência

desconhecedora de qual seja o desejo que a alma, talvez seu bebê nos aponte que esse desejo está voltado à obtenção de nossa condição de seres mortais, através de homens que se julgam em condições de ascender à posição do criador, mas se deparando em cada tentativa com a impossibilidade de sua realização, pois não há como fugir ao fim letal que nos espera.

Retomo a questão da guerra, e para escrever sobre ela tenho como referência o atentado terrorista de 11 de setembro, focando naqueles que participaram dos ataques suicidas responsáveis por revelarem ao mundo a agressividade extremada de um povo tão distante em seus diferentes aspectos, os fundamentalistas islâmicos, incluindo seus homens-bomba. Seus atos, cometidos em nome de Alá pelo merecimento do paraíso, um ideal de conquista eterna para os justos, faz lembrar o que havia para Freud de mais primitivo no homem: as pulsões relacionadas à uma natureza má, selvagem e que estariam esperando pelo momento oportuno para novamente atuarem. Foram destacadas por ele diante de tanta brutalidade e crueldade, que passivamente observava se espalhar pelo mundo durante o período da primeira guerra mundial.

Não há como falar em pulsão sem sua relação ao desejo, que nos remete à cadeia significativa. A Coisa é o objeto visado como absoluto, mas há uma impossibilidade em sua apreensão, pois ao mesmo tempo que está relacionada à uma plenitude, uma falta é acusada no real.

Mas se esse objeto absoluto não existe, deve haver algum outro para que o desejo se mantenha. É o *objeto a*, objeto pulsional, um objeto "para" o desejo e não objeto "do" desejo, sendo articulado a este pela fantasia, portanto, não existindo em si mesmo e não permitindo que a pulsão de morte, em sua ausência de objeto, seja destruidora do desejo.

A pulsão de morte é recoberta por um silêncio, desligada da sexualidade e distinta da pulsão de vida, caracterizada como ruidosa. Freud considerou-a como uma tendência de retorno ao inorgânico, presente em todo o ser vivo, onde todas as tensões seriam eliminadas. É ela que força os limites do ser para além do princípio do prazer, fazendo seu trabalho sem que a apercebamos. Para Lacan, seria uma vontade de destruição, mas ao mesmo tempo vontade de recomeço a partir de nada. Sendo renovadora e criadora, opõe-se ao

conservadorismo da pulsão de vida e sua tendência para a união e manutenção de laços.

Ao contrário do que se imagina, a morte do desejo, considerada como a verdadeira morte, não se dá por essa potência destrutiva que é a pulsão de morte, mas sim por efeito de Eros, que, se detentor da exclusividade na formação de laços, eliminaria o desejo e a possibilidade de abertura para o novo.

Pulsão de morte difere do que seja a morte, sendo aquela que delimita nossa experiência, colocando um fim ao destino pessoal, a individualidade. Também há um silêncio que a recobre, sendo que um conhecimento da própria relação com ela só é permitido através do significativo.

Em "Reflexões para os Tempos de Guerra e Morte", Freud a descreve desde a época mais primitiva, tempo em que o homem já a negava, atribuindo-lhe a condição de inimaginável e irreal.

As religiões, assim como os mitos, surgem aproximando e ligando os homens entre si, na tentativa de enfrentar o desconhecido, principalmente esse referente, a morte. Diante de ilusões que criam ao futuro imprevisível, recobrem o impossível de ser conhecido, onde os limites de um real inesgotável aparecem.

O Islamismo, religião com 1,3 bilhão de fiéis e 1400 anos, valoriza uma vida futura, onde os merecedores, aqueles que souberam respeitar a lei, desfrutarão de uma eternidade. É uma religião formada em sua maioria por moderados, a quem a vida é um dom divino, mas também por fanáticos que cometem seus atos em nome de um pai, Alá, com disposição a morrer e a matar, onde as mais horríveis atrocidades são cometidas. Um dos pilotos suicidas, antes de se tornar um fanático fiel do Islã, escreveu em seu testamento os passos a serem seguidos após sua morte: um enterro rápido, com muitas pessoas rezando por ele, seu rosto virado para Meca, deitado sobre seu lado direito e terra sendo três vezes jogada sobre seu corpo, devendo ser ditas nesse momento as seguintes palavras: "Você veio do pó, você é pó e retornará ao pó. E do pó nascerá um novo homem". Em seguida todos os participantes da cerimônia devem chamar o nome de Alá, testemunhando sua crença e pedindo pelo seu perdão. Acreditava dessa forma, assim como a maioria dos seguidores da religião, poder através

desses rituais livrar-se de qualquer culpa, até mesmo ser conduzido à imortalidade.

Para nós ocidentais, onde situar esses homens que observamos dando a morte deliberadamente a outrem e sendo ao mesmo tempo sujeitos do ato que coloca um fim as próprias existências? Assim como os demais fiéis não extremistas da religião, esses suicidas são movidos por um ideal religioso, estruturados em uma relação com um pai, um Outro a quem devem quem são. E provavelmente a quem devam também uma neurose. Mas qual neurose? Talvez obsessiva por utilizar-se da religião como se Deus estivesse falando com eles sobre o que devem fazer?

Para Alfredo Jerusalinski não há extensão definida ao pai do neurótico obsessivo. Pode estar desde a menor até a maior enormidade, ou seja, desde um palito de dentes até em Deus. O palito faz parte de um exemplo dado, como piada, sobre um sonho onde diz ter sido devorado por sua gorda mãe, que após feito isso, estava palitando os dentes em frente à um conjunto de ossinhos. Quando ele grita: "Pai, Pai", na esperança que este venha em seu auxílio, na defesa dessa devoração, mesmo já consumada, o palito lhe responde: " Estou aqui, estou aqui".

Mesmo que haja uma primeira e aparente confusão em certos casos onde um sujeito obsessivo possa parecer psicótico ou até mesmo perverso, percebe-se a diferença no Nome-do-Pai, que em sua eficiência lhe assegura uma filiação, estando ele refazendo por meio do sintoma o pai a cada minuto, a cada palavra e com suas idéias repetitivas tenta dar conta da demanda do Outro, evitando assim a manifestação de seu próprio desejo, sempre adiado. Só poderá usufruir dele no dia que seu mestre morrer, podendo então ocupar seu lugar. Mas isso nunca acontecerá, portanto, é um corpo esvaziado de desejo, em uma pura essência intelectual.

Estar entre dois significantes (to be or not to be, como em Hamlet), o incapacita de agir, pois esse agir o igualaria ao pai, e isso significa desalojar o pai dessa posição, sustentada pelo obsessivo a qualquer preço.

Morrer pode ser a condição para igualar-se a esse pai, mas uma angústia, uma entrada do real no imaginário, provocada diante da morte, impede que o sujeito se confronte com seu próprio desejo. Mas mesmo não entrando de verdade na jaula dos leões, isso não o

impede de um certo deleite através de fantasias perversas, ou até mesmo uma certa vocação trágica que os anima.

O princípio do prazer visando uma satisfação, uma diminuição das tensões, apresenta um limite, sendo que além está a morte, o desejo em estado puro. Para Lacan, esse desejo puro é o puro e simples desejo de morte.

Haveria a possibilidade do desejo desses fundamentalistas estar se precipitando para esse limite extremo, para além do qual está o desconhecido impossível, o absoluto responsável pela ruptura existencial? E também por ser esse desconhecido reativado pelo desejo como um mais além dos prazeres conhecidos e experimentados?

Seria um ato onde o sujeito deixaria de desfalecer diante de seu desejo, não mais adiando o momento de concluir?

Um ano após tantos fatos e especulações sobre o atentado, a principal mudança foi em relação aos Estados Unidos, que deixam de ser o modelo para o desenvolvimento das nações, abalando um narcisismo que acreditava deter valores universais. É o mito da invulnerabilidade chegando ao fim. Também um atentado que expôs ao mundo o inimigo e seu ambicioso desejo, mas infelizmente incluindo milhares de pessoas a quem, provavelmente não consideravam a morte como princípio do desejo errante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. Reflexões para os tempos de guerra e morte. (1914- 1916). In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. v. XIV.

GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. *Acaso e repetição em psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

GARCIA-ROZA, Luís Alfredo. *O mal radical em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

GAZZOLA, Luís Renato. *Estratégias na neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 7 – A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE. *Neurose obsessiva*. Porto Alegre: APPOA, 1995.

ROSOLATO, Guy. *A força do desejo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

QUANDO O DESEJO FALTA...

Valéria Schier Santos

No centro da prática e da teoria psicanalítica encontramos o desejo. Essa afirmação possibilita uma ampla gama de articulações.

Entretanto lembro-me de um caso clínico, o qual utilizei como ponto de partida para refletir sobre o tema deste trabalho: o desejo.

Trago, então, um breve recorte do caso:

Há aproximadamente três anos recebi em consultório um jovem cabisbaixo e calado, a quem chamarei de M., que havia recém saído de um internamento, trazendo como queixa uma dificuldade de relacionamento com as mulheres e uma depressão que o acompanhava permanentemente. Ele era seguidor de uma seita cujo mestre mora na Índia e para quem pretendia escrever perguntando o que fazer da sua vida. Esse jovem buscava nada menos que um sentido para a sua vida. Algo que o tirasse da inércia. Esse algo, um objeto para o desejo. Ou melhor, o próprio desejo.

Mas afinal, o que é o desejo?

Lacan afirma: "o desejo do homem é o desejo do Outro".

Mas o que significa dizer isso?

A partir do estudo do estadió do espelho, vê-se com Lacan que a apreensão da imagem corporal unificada se dá a partir da imagem unificada que o sujeito faz do outro, o que só é possível a partir da captura do olhar do Outro. No caso da relação mãe-bebê isto ocorre por uma identificação narcísica que leva a mãe a enxergar o bebê como um todo. Do mesmo modo, o desejo só vai aprender a se reconhecer a partir do outro, a partir de demandas e ordens que a criança reconhece como pertencente aos adultos. Após muitas voltas da demanda materna, o movimento circular do circuito pulsional, que sai através da borda erógena para a ela retornar como sendo seu alvo depois de ter feito o contorno do *objeto a* - caracterizando o processo de alienação-separação - há a inscrição da falta e, portanto, do desejo, posto que o desejo é uma falta, um vazio que será preenchido por um objeto imaginário.

Para a psicanálise, o desejo distingue-se da concepção naturalista de necessidade. O desejo implica

uma tensão interna que impele o organismo numa determinada direção, mas difere da necessidade posto que esta encontra a satisfação em uma ação específica, com um objeto específico que permite a redução da tensão. O desejo jamais é satisfeito, ele pode realizar-se em objetos por meio do recurso da fantasia, mas não se satisfaz com esses objetos. A relação do desejo com o objeto difere daquela que caracteriza a relação da necessidade com o objeto. O objeto do desejo é uma falta, portanto, a estrutura do desejo impõe uma inacessibilidade ao objeto que o torna indestrutível e faz com que esteja sempre sendo relançado.

Freud fornece como modelo de constituição do desejo, a experiência de satisfação. O bebê recém-nascido chora quando sente fome, esperneia e se agita na tentativa de afastar o estímulo causador da insatisfação. Sua mãe intervém oferecendo-lhe o seio para que mame, o bebê sente a redução da tensão decorrente da necessidade e tem então, a experiência de satisfação que fica registrada em seu psiquismo - uma imagem mnemônica permanece associada ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade e quando a representação inconsciente deixada pela experiência anterior for reinvestida "surgirá imediatamente um impulso psíquico que procurará recatexiar a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação da satisfação original. Um impulso dessa espécie é o que chamamos de desejo".

Vale lembrar esta descrição embora Freud tenha revisto posteriormente sua posição em relação a ela, pois neste contexto também se adequa a compreensão do processo pelo qual o desejo se mostra desvinculado da necessidade. Mas o ponto fundamental a ser compreendido é que para Freud, o que caracteriza o desejo é o impulso alucinado para reproduzir a satisfação original, o retorno a algo que já não é mais, retorno ao objeto perdido cuja presença é marcada pela falta.

Recorrendo a Lacan: "[...] a placenta por exemplo - bem representa essa parte de si mesmo que o indivíduo perde ao nascer, e que pode servir para simbolizar o mais profundo objeto perdido."

Tanto na descrição de Freud como no exemplo de Lacan, o que vale destacar é a marca da falta, a presença da ausência.

Retornando ao caso clínico, a ausência de sentido experimentada na vida do jovem M. vem dizer de uma falta que não se inscreveu e que o obriga a viver num deslizamento contínuo, sem se vincular a nada e a ninguém, pois para que isto ocorra se faz necessário uma ordem maior, que neste caso refere-se ao mestre indiano como voz do Outro a determinar que caminho percorrer em sua triste existência.

O modelo hegeliano do desejo mostra três fases pelas quais o homem passa até chegar ao seu reconhecimento. No primeiro momento o homem é um ser passivo, encontra-se em estado contemplativo em relação ao objeto, sua atitude cognitiva não pode constituir um sujeito porque nela o homem é absorvido pelo objeto. No segundo momento, o homem tem consciência de sua oposição ao mundo exterior, é consciente de si e do outro, e é nesta relação entre dois que vai se constituir o desejo humano. No terceiro momento finalmente há o reconhecimento do desejo.

A concepção psicanalítica do desejo obedece ao modelo hegeliano, distinguindo-se deste apenas num ponto, essencial para a psicanálise, que diz respeito à natureza inconsciente do desejo.

No caso de M., não há desejo a ser reconhecido. No processo de constituição do sujeito, o significante da falta ficou foracluído, e com isso ficou excluída a possibilidade de acesso ao reconhecimento de um desejo próprio, por isso M. está inexoravelmente na posição de escravo do desejo do Outro, que em seu caso é representado pelo líder da seita indiana.

Mas M. precisa falar de seu sofrimento, precisa ser ouvido, escutado. Então, buscou na análise o espaço para fincar os alicerces e construir uma metáfora que afaste a possibilidade de um sofrimento ainda maior do que uma vida sem sentido.